

7 poemas de **Marceli Andresa Becker**

DAS IRMÃS - III

por vezes as minhas unhas crescem

mais que o habitual.

lembram as unhas dos mortos:

inoxidáveis —

ganchos onde eu poderia pendurar

as tuas vísceras,

(o peso),

levá-las de lá para cá,

(o amor),

como uma espécie de açougue

ambulante.

sabes, sou assim.

tenho sonhos em que me transformo

em *lady zumbi*.

enrolo tripas de linguiça

no pescoço,

nas pernas,

e saio por aí à procura de um altar

onde seja possível

adorá-las.

para cada homem deus ofertou

de quinze a vinte

centímetros

do seu enorme

pênis-in-absentia.

tu és um deles.

não perdoos.

DAS IRMÃS - IV

elas regressam à mansão com lamparinas

gravitando

em torno da cabeça.

elas, que são como o eixo dos satélites do fogo,

da suprema incandescência,

(a morte) —

sim, que são como os mortos,

gravitando

em torno dos seus nomes vazios,

como se fossem dizê-los.

a luz se avoluma no sangue.

as minhocas descem para o enorme continente

onde o silêncio cai

e produz ecos pela eternidade.

os trombos do barro gritam, lentíssimos;

a suprema menstruação desce,

desce,

cria varizes nas pernas de deus.

"perdoa-nos",

elas suplicam.

DAS IRMÃS – V

queimam-se as pontas dos seus cabelos.

o dossel se abre como uma boca ou um pássaro imenso.

canta, apunhala o voo de um só golpe.

(depois bate as asas, pesado

de sangue.)

*

são elas, as irmãs que amam.

as irmãs loucas.

em algum lugar de suas certidões de nascimento

a noite tritura omoplatas

e fêmures.

as rosas amanhecem num tempo que está por vir,

nas órbitas de suas caveiras.

*

já não se ouve mais nada.

os homens decidem suspendê-las da vida e da morte

com um guindaste no meio da cama.

prendem-nas às cordas furiosas,

giram as roldanas

dos seus corpos.

puxam-nas para o alto,

para o alto,

eternamente.

SONHOS – III

madrugada quente. a catedral soletrava o meu nome a cada badalada. como se fumasse. [a cada badalada, irremissível, como se narinas gigantescas

*

inalassem minha vida, este afluente do pulmão do nunca mais].

*

acordei-me. uma senhora de pouca estatura, cinquenta ou sessenta anos, espremia espinhas de sapos mortos no sofá da sala.

*

pense em gêiseres minúsculos no meio do absinto. não, minto: pense num revestimento tipo plástico-bolha [nas paredes

*

da vagina absoluta, tumulária, obstetrícia do nunca mais].

*

aproximei-me devagar. ela, cabeça baixa, silenciosamente rude, à maneira de quem faz tricô. eu, nua, o coração na ponta dos dedos.

*

pense numa crise de taquicardia sobre a qual repousam [todas as conchas do mar].

*

olhou-me de repente. alguém havia errado feio em sua produção: o delineador cobria os pés-de-galinha, não as pálpebras; o batom, vermelho-terra, desenhava lábios [de ponta-cabeça, como se plantassem

*

bananeira, *make-up* do nunca mais].

SONHOS – IV

meia-noite. meus seios doíam até o outro lado do atlântico. (era evidente por quê): uma fitinha estreita, vermelha, daquelas que facilitam a abertura de embalagens

*

de bolacha recheada, contornava internamente cada um dos mamilos. a ponta, língua de minúscula serpente, ficava bem na altura areolar em que o relógio marca

*

meia-noite. (em que o sinal da cruz coloca

*

o pai). silenciosa e pacientemente, posicionei os dedos para puxá-la.

SONHOS - V

o álbum de toda a minha vida erótica.

eu queria morrer:

o álbum de toda a minha vida erótica por apenas R\$ 1,99 num bazar que comercializa pirulito, bombinha e revólver de espoleta. letreiro imenso, de neon, cor verde militar.

é tempo de tortura.

*

gritos na sala de revelação. correspondências.

se nas fotografias aperto o bico dos seios, na outra margem (a dos negativos) despenco, pendida.

enforcada.

(a corda presa ao gancho em que mamãe estendia a rede durante o verão.)

para cada imagem em que surjo na cama, uma tragédia naquela sala. atropelamento: o sangue empoça no asfalto. é vermelha

a luz.

boquete, suicídio: tiro pela boca.

anal, empurram-me num poço estreito. (abro os braços e as pernas para me amparar nas laterais do PVC, mas o limo não perdoa: escorrego devagar por este cano

metafísico. fisicamente metido
em mim.)

*

é tempo de tortura.

um sargento sem corpo e sem lugar emerge deste açude escuro (no furo) do pensamento.
ouve-se o apito:

mortos dormem em posição de sentido.

A MULHER DO ATIRADOR DE FACAS

desta vez não há nenhuma palavra.

*

se surgissem cortes profundos
pelo meu corpo,

se cada projétil do teu esperma
fosse uma faca,

*eu por dentro de mim, no centro
da roda giratória.*

*

saber que nunca direi o teu nome.
que ao pressentir a virilidade

da morte

*calo-me — o teu nome,
mordança.*

*

as mãos que levantas, sanguinolentas.
as digitais nos cabos.

tu, incrédulo.

Marceli Andresa Becker é formada em Filosofia e trabalha como professora. Publicou poemas nas revistas *Zunái*, *Germina*, *Pausa* e *Eutomia*, no *Portal Cronópios* e em diversos blogs. Participou ainda da *Miniantologia Poética do Centro Cultural de São Paulo*, organizada por Claudio Daniel, e da *Pequena Cartografia da Poesia Brasileira Contemporânea*, organizada por Marcelo Ariel. Na área de filosofia, publicou artigos científicos e ensaios em revistas eletrônicas e mídias impressas. Mantém o blog “De Ter de Onde se Ir” (<http://deterdeondeseir.blogspot.com>). E-mail: mab_1109@yahoo.com.br